

# BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O Homem ao Espelho: apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

Neide Araújo Castilho Teno<sup>1</sup>  
Ivo Di Camargo Junior<sup>2</sup>

## UM LIVRO PARA SER INCORPORADO

Quase esquecido por seus contemporâneos (entre 1930 e 1963, exceto por três pequenas notas de jornal, ele não foi publicado), Bakhtin foi devolvido ao espaço científico da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e posteriormente europeu, na década de 1960, sendo redescoberto por um grupo de pessoas com ideias semelhantes que o reconheceram como seu professor. Em 1960, ele recebeu uma carta coletiva dos críticos literários V. V. Kozhinov, S. G. Bocharov, G. D. Gachev e V. N. Turbin.

Mikhail Bakhtin foi um intelectual produtivo em toda sua carreira acadêmica. Ainda que muitas de suas obras tenham a discussão da autoria<sup>3</sup>, os escritos publicados em seu nome são de incontestável qualidade acadêmica, seja na filosofia da linguagem ou estudos

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação /Mestre em Letras. Pesquisadora Sênior do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), e do Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Coordenadora do projeto de Pesquisa: (Multi) Letramentos e Os Gêneros Textuais e/Ou Discursivos: Contribuições para o Ensino e Aprendizagem de Línguas em Tempos Digitais (cadastrado na Proppi/UEMS). Foi colaboradora do projeto de pesquisa "Apoio à Qualificação Docente: PROFLETRAS- Mato Grosso do Sul" com recurso da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5062-9155>. E-mail: [cteno@uol.com.br](mailto:cteno@uol.com.br).

<sup>2</sup> Pós-Doutorado em Formação de Professores (PPGFP) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade de São Carlos (UFSCar). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Faculdade Metropolitana); Educação Infantil pela Faculdade Federal de Uberlândia (UFU); Ensino de Filosofia no Ensino Médio pela Universidade de Brasília (UnB); Educação Empreendedora pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ); Gestão Escolar, Orientação e Supervisão (Faculdade São Luís); Pedagogia Universitária pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFTM); Mídias na Educação (UFSCar). Licenciado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis), Filosofia (UFSJ) e Bacharel em História (UNESP/Franca). Doutorando em Educação pela UFSCar e Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Desenvolve pesquisas sobre Mikhail Bakhtin, cinema e outras mídias/linguagens e educação. Colaborador no projeto de Pesquisa: (Multi) Letramentos e Os Gêneros Textuais e/Ou Discursivos: Contribuições para o Ensino e Aprendizagem de Línguas em Tempos Digitais (Proppi/UEMS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4259-4711>. E-mail: [side\\_amaral@hotmail.com](mailto:side_amaral@hotmail.com).

<sup>3</sup> A discussão sobre a autoria trata dos livros que, antes do século XX, eram atribuídos a Mikhail Bakhtin. Inicialmente, as obras saíram no nome de outros autores, mas a partir dos anos 1950 e 1960, na antiga URSS, passaram a ser atribuídas por um influente grupo de intelectuais locais a Mikhail Bakhtin e, dessa forma, chegaram ao Ocidente. Contudo, obras como "Marxismo e Filosofia da Linguagem", por exemplo, posteriormente foi novamente atribuído a Valentin N. Volochinov. Como há correntes de pensamento diversas, que atribuem ou a Bakhtin ou a outros a autoria desses textos, passou-se a designar esse grupo de intelectuais como o "Círculo de Bakhtin", por ser este o mais longevo de todos. Este autor considera Mikhail Bakhtin se não o autor das obras em discussão de autoria, o seu artífice intelectual maior.

literários. Neste trabalho, vamos dialogar sobre uma das obras da seara bakhtiniana, de sua própria autoria, intitulada “O Homem ao Espelho: apontamentos dos anos 1940”, originalmente lançada em tradução realizada do russo para o italiano por Francesca Rodolfo, em 2004, para revista organizada por Augusto Ponzio no mesmo ano.

Ponzio, na apresentação da obra, afirma que a revista por ele dirigida publicou os textos contidos nessa obra. Conforme o autor, “No *Corposcritto*, n.5, 2004, revista dirigida por mim e editada pela *Edizione dal Sud* (Bari, Itália), publicamos [...] alguns dos “Apontamentos dos anos Quarenta” de Mikhail Bakhtin” (Ponzio, 2019, p. 7).

Os trabalhos de Bakhtin contidos no livro recentemente foram traduzidos para a língua portuguesa e publicada pela Pedro e João Editores. A tradução contou com pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF), com destaque para Ekaterina Vólkova Américo, docente de língua russa, tradutora e pesquisadora do Círculo de Bakhtin.

Essa obra foi lançada no Brasil em 2019 e traz em si uma apresentação de Augusto Ponzio, pesquisador italiano e professor da Universidade de Bari, na Itália. O professor possui reconhecida obra já traduzida para o português, em especial o livro “A revolução bakhtiniana”, lançado em 2008 pela Editora Contexto e traduzida para o português pelo Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, da UFSCar, sobre a curadoria do Prof. Dr. Valdemir Miotello.

Os estudos acerca da produção própria de Mikhail Bakhtin, em especial no período dos anos 1940, eram restritos, até o lançamento deste livro resenhado, à tentativa de doutoramento de Mikhail Bakhtin, com a publicação de “A cultura popular na idade média e no renascimento: O contexto de François Rabelais” (Bakhtin, 2013). O estudioso do Círculo de Bakhtin sabe que este é um dos trabalhos de maior fôlego intelectual do teórico russo, considerado obra-prima pela crítica especializada.

Em vídeo divulgado, Boris Schnaiderman (2020), o único “brasileiro” a conhecer Mikhail Bakhtin ainda vivo, explica a questão do doutoramento do autor. Para ele, Bakhtin não deixou de ser um “Doutor” para os parâmetros brasileiros, com um doutorado. Ele teve negada o que chamamos de “Professor Titular”, ou o máximo a que se pode atingir em uma carreira acadêmica. Ficou apenas com o título de “candidato a doutor”, ou o que Schnaiderman equivaleria a um “livre-docente” em nossa realidade. Explicado isso, a obra de Bakhtin nesse tempo abriu visões sobre a cultura popular nos estudos europeus, institucionalizando conceitos como a carnavalização e estudos folclóricos. A obra aqui resenhada dá prosseguimento a essa fase de escrita do pensador Bakhtin.

É preciso atentar-se que, ao ler “O homem ao espelho”, não se pode esquecer que Bakhtin é, acima de tudo, um filósofo, um teórico aguçado e não um desenvolvedor de teorias que podem ser analisadas e reanalisadas como se houvesse um sistema para tal ou um manual explicativo. Como afirmou Fiorin (2011, p. 205), “conhecemos bem as vicissitudes

e as dificuldades da recepção da obra de Bakhtin. Em primeiro lugar, o filósofo não elaborou uma obra didática, pronta para ser ensinada na escola". Bakhtin é o pensador que, ao longo de sua vida, permaneceu leal às filosofias e teorias que pensara desde a juventude. A obra resenhada pode ser percebida e analisada por estudiosos do Círculo.

O livro, por ser organizado em torno de poucos textos encontrados de Mikhail Bakhtin, careceu de trabalhos complementares de estudiosos do Círculo que o conhecessem. "Em busca de uma possível imagem amorosa de si e do outro" é a primeira parte da obra, de autoria de Mello e Miranda (2019). Elas dialogam sobre como a obra percorreu um caminho que foi da tradução da edição italiana, de Augusto Ponzio, até a brasileira. A versão italiana vem das obras completas de Bakhtin em russo. As autoras já haviam tido contato com textos do livro. Nesse sentido, afirmam que:

Há alguns anos, em uma obra bakhtiniana de autores ingleses, encontramos uma referência ao texto "O homem ao espelho", de Bakhtin. Na época, iniciantes nas leituras da obra do Círculo, indagamos sobre o texto e, não encontrando vestígios, constatamos que não havia tradução do mesmo para o português (Mello; Miranda, 2019, p. 13).

Mello e Miranda (2019) afirmam que escolheram a data do lançamento com intenção, pois o trabalho remete ao contexto dos 100 anos de publicação do texto "Arte e responsabilidade", de Bakhtin, publicado originalmente em 1919. As autoras tratam também do conjunto de três obras não acabadas e produzidas por Bakhtin que elas julgam ser de 1943. Os trabalhos são "O homem ao espelho", além de "A violência da palavra e a imagem em ausência" e "Viagem para certos países distantes: pensamentos e sentimentos de J. Swift". Causa espanto às autoras certas marcações feitas a lápis pelo autor russo. Conforme elas, essas três obras em conjunto formam o ideal que Bakhtin perseguira por toda a vida: a prática da alteridade. Para o autor russo, a alteridade é basilar para a sociedade e uma prática dialógica dos discursos, já que as autoras afirmam que "é o próprio Bakhtin que nos diz, em tantas partes importantes de sua obra, que o sentido de um texto se abre na centelha que se produz no encontro com outro sentido, outro texto, outro enunciado" (Mello; Miranda, 2019, p. 16).

O trabalho das autoras sobre a obra explica que Bakhtin, no decorrer de sua trajetória intelectual, produziu teorias sobre a questão do acabamento do ser, tal como já realizara anteriormente em "Para uma filosofia do ato responsável" e em outros textos. Nisso, a obra desses "Apontamentos de 1940" explicita a busca de uma compreensão marcada pela visão ideológica, com observação aos lugares, épocas e culturas diversas, gerando um reflexo que pode ser percebido em contextos cronotópicos em que Bakhtin se debruça e percebe uma ambivalência latente nas ideologias que estão presentes na cultura das épocas analisadas. Quando há essa observação, percebe-se uma divergência comunicativa entre as palavras alheias, com a alteridade surgindo e sendo notada em clara

relação exotópica.

O texto “A violência da palavra e a imagem em ausência”, segundo da obra, é um desenvolvimento realizado a partir de anotações e pensamentos diversos de Bakhtin, bem ao estilo anterior percebido em “Para uma filosofia do ato responsável”, relação já explicitada anteriormente nessa resenha. Nesse trabalho é possível conceber a visão de que são textos sem uma organização prévia pretendida, pois aconteceram em um contexto em que a guerra assolava a União Soviética e isso, certamente, promoveu espasmos na escrita de Bakhtin. Os apontamentos que lemos remontam aos pensamentos bakhtinianos desenvolvidos ao longo de sua vasta produção intelectual, que percorreu dos anos 1910 a 1970, notadamente os conceitos da alteridade amplamente presentes em sua produção e o desenvolvimento de uma ciência outra, ocorrida mais na maturidade da vida do mestre russo.

Essa parte da obra explica a questão do riso como um conceito dentro da linguagem carnavalizada, que consiste em uma reversão da ordem e das coisas do mundo, ocorrendo no livre convívio entre as pessoas ao apresentar um misto de valores, provocações variadas ao *status quo* ou o ato de profanar. Ele sugere que o carnaval é participativo, autônomo e universalizante. Seria como um segundo mundo, onde as pessoas podem, por certo tempo, viver uma segunda vida. O espírito do carnaval está incorporado no palhaço ou na pessoa que se faz de tola, que é aceita por todos. Acima de tudo, os carnavais satirizam a hierarquia social, zombando ou invertendo-a, como dito, profanando-a. Essa sátira dura além do dia de festa, criando uma linguagem que não respeita a hierarquia. No entanto, o riso desse período não é direcionado exclusivamente para a escala social: ao contrário, ele é “universal”, autodepreciativo por parte dos participantes folclóricos e zombeteiro dos superiores sociais dos participantes.

Observando por um viés bakhtiniano, o riso é uma categoria de análise ambivalente que carrega em si valores bivocais, contendo discursividade plural, com dialogia plena. Por ser ambivalente, não considera a verdade como algo finalizado ou a verdade que contém ambiguidades.

De acordo com Bakhtin nessa e em outras obras, todos os enunciados da fala são heteroglotas e polifônicos, pois participam de “diferentes línguas” e ressoam com “muitas vozes” de significado. Por “outra-linguagem”, Bakhtin não quer dizer apenas línguas nacionais (embora uma língua nacional determine, em parte, o significado de qualquer enunciado), mas várias linguagens que todos reivindicamos como seres sociais e pelas quais somos constituídos como indivíduos. A linguagem e as ideologias inerentes à nossa profissão, à nossa faixa etária, da década, da nossa classe social, região geográfica, família, círculo de amigos etc. Tudo isso determina uma ambivalência constante.

Para Bakhtin, durante a carnavalização que ocorre nas festas e na sociedade, os sujeitos são livres para ser o que verdadeiramente são, sem amarras, com postura franca

para a vida e para o outro. Os tabus são quebrados e aquilo que é considerado sagrado passa por uma profanação. O que é distante se aproxima e o que é próximo fica distante do eu. Nesse ponto do trabalho, Bakhtin nos explica que é importante considerar os olhares para a função da dialogia no tempo e no espaço para que se possa haver uma compreensão da situação que ocorre, analisando-se os contextos para que as diversas vozes que estão presentes na festa carnalizada sejam compreendidas e a sociedade se forme nesse quesito.

Quando se teoriza a questão da formação de uma sociedade e de um auditório social, compreendemos com Bakhtin que as construções sociais formam zonas fronteiriças nos discursos. Para o mestre russo, as palavras começam a se distanciar do seu conteúdo. Como afirma o autor,

O conteúdo da palavra sobre o objeto nunca coincide com o seu conteúdo para si mesmo. O conteúdo lhe dá uma definição com a qual ele nunca pode concordar, por princípio, interiormente. Essa palavra-violência (e mentira) conflui no criador, com milhares de motivos pessoais que turvam a sua pureza — sede de sucesso, de influência e reconhecimento (não da palavra, mas do criador), aspirando a se tornar uma força opressora e consumidora. A palavra quer exercer uma influência de fora e determinar de fora (Bakhtin, 2019, p. 43).

Bakhtin trata aqui a questão dos fatos exteriores e o quanto eles se relacionam conosco apenas por uma memória alheia, sabendo-se que acontecem no exterior e nos determinam o interior. Bakhtin termina esse capítulo desenvolvendo a ideia da exotopia, percebendo que nós não mudamos a nós mesmos e nem nos avaliamos. Isso acontece do exterior, vindo de uma palavra de fora. Mesmo uma autoavaliação, quando acontece sem a presença do outro, é analisada por Bakhtin como uma usurpação do papel ideológico.

Avançando para o capítulo terceiro, intitulado “O homem ao espelho”, o teórico russo remete ao texto anterior ao conceituar as ideias de imagem com a ausência que são unilaterais e que podem ser consideradas como falaciosas e falsas. Bakhtin também retoma as concepções de exotopia, promovendo um olhar para avaliar a imagem exterior.

Ainda nesse terceiro capítulo, percebe-se que a alteridade é apresentada como uma categoria da alma interior e ocorre em conexão com o exterior, por meio de uma consciência outra que acontece nas bordas da vida interior. Dessa forma, o outro é algo ou alguém exterior ao eu e não somente está fora, mas está presente no interior desse eu por meio das relações dialógicas e ideológicas que se manifestam por meio desse outro. Nossa constituição se dá por meio dessa alteridade. Conforme o autor russo:

Há aqui o ponto de vista de fora com sua excedência e suas fronteiras. O ponto de vista de dentro para si mesmo. Em que eles por princípio podem não coincidir, nem fundir-se. É precisamente nesse ponto de não coincidência, e não em um único espírito (indiferente ao ponto de vista de dentro e de fora) que se realizam os eventos. O eterno litígio no processo de autoconsciência entre o “eu” e o “outro” (Bakhtin, 2019, p. 40).

Dessa maneira, Bakhtin avança trabalhando a questão do acabamento, o qual explana melhor no texto “Sobre as questões da autoconsciência e de autoavaliação”. A questão da abstração e racionalismo é trabalhada nessa parte da obra, já que o exagero dessas categorias desenvolve uma morte naquilo que nos faz verdadeiramente humanos. Abstração e racionalismo são os responsáveis por acabar com aquilo que deveria ser aberto e não finalizado, aquilo que promoveria mudanças, considerando que o ser possui uma eventicidade que é aberta e que convive com processos que deveriam estar em inacabamento.

A obra fecha com Susan Petrilli (2019) que discorre, no texto intitulado “A visão do outro. Palavra e imagem em Mikhail Bakhtin”, sobre como o autor russo perseguiu em sua arquitetônica uma crítica ao desenvolvimento de uma consciência ausente de dialogia, sem palavras e contrapalavras, encontros e compreensões. Petrilli explica que Bakhtin é o autor que de fato buscou o desenvolvimento de uma visão particularizada da escrita que é literária e ao mesmo tempo polifônica e dialógica.

Para Petrilli (2019), a linguagem literária e a literatura causam uma mudança do ponto discursivo do eu para o outro, promovendo mudanças. A concepção de discurso que se baseia em uma visão ideológica é explicada pela dialogicidade que é amparada em tensões cheias de instabilidades e inacabamentos. A ideia das forças sociais na palavra que Volóchinov, do Círculo de Bakhtin, já desenvolvera em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, acontece, pois como foi escrito pelo teórico, “como já sabemos, toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em combate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais (Volochínov, 2017, p. 140).

A obra “Um homem ao espelho: Apontamentos de 1940” traz ao leitor do Círculo de Bakhtin grandes contribuições e desenvolvimentos, principalmente para os que ali encontram continuações dos estudos presentes em outras obras do Círculo. Conceitos como a construção do eu e do outro estão bem desenvolvidos, observando-se a questão do inacabamento e da completude analisados, ampliados e tendo alguns pontos até rechaçados por Bakhtin.

Sua leitura é basilar para o estudioso do Círculo e e a recomendamos, já que incorpora muito àquele que deseja se aprofundar nos estudos bakhtinianos. Os escritos aqui resenhados, de Bakhtin e seus dialogadores, firma bases contra o desenvolvimento de um ser humano fechado, cartesiano ao extremo, que é concluído pelo seu autor, acabado e distante de uma realidade verdadeiramente humanizada e incompleta. Percebemos nessa obra os escritos de um Mikhail Bakhtin mais solitário, já que a maioria dos integrantes do Círculo ou já tinha falecido ou estavam geograficamente afastados. Ler Bakhtin nessa obra, como ele mesmo articulou em texto, é afastar-se de uma visão falaciosa do humano,

concluído e fechado em si mesmo, algo farsesco e funcionando como uma violência ao contemplador, que vê em si algo igual e não diferente, como deve ser na inconclusibilidade que é natural do humano, ainda que representado na arte. Ponzio (2016), curador da obra e autor da apresentação da edição brasileira, ensina-nos que para complementar o humano é preciso procurar uma palavra diferente, outra que funcione “no sentido de alteridade, não de alternativa” (p. 14). Assim, como Ponzio (2019) explica que “Para Bakhtin a violência da palavra está na tendência à identidade, à univocidade, à unilateralidade, à unidirecionalidade” (p. 9), apreendemos na obra que o autor russo se contrapõe seriamente ao acabamento, ao passo que compreende que o que aprendemos na arte deve ser colocado em prática na vida, na reinvenção constante do ser humano em completo e belo inacabamento.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

EDITORA MENTES ABERTAS. **Boris Schnaiderman: Encontro com Mikhail Bakhtin**. Youtube. 22 dez. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ETW0DrspzIs&t=5s>. Acesso em 20 mar. 2023.

FIORIN, José Luiz; BAKHTIN, Mikhail M. Para uma filosofia do ato responsável. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 160p. **Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso**, n. 5, p. 205–209, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/4889>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MELLO, Marisol Barenco de; MIRANDA, Maria Letícia. Em Busca de uma Possível Imagem Amorosa de Si e do Outro. // BAKHTIN, Mikhail M. **O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 13–36.

PONZIO, Augusto. Apresentação. // BAKHTIN, M. M. **O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 07–12.

PETRILLI, Susan. A Visão do Outro. Palavra e Imagem em Mikhail Bakhtin. // BAKHTIN, Mikhail M. **O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. p. 67–104.

VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 8 de abril de 2023.  
Aprovado em 7 de junho de 2024.